



O *ETHOS* COMO INSTÂNCIA CONSTITUTIVA DA CONSTRUÇÃO DA ‘IMAGEM DE AUTOR’

THE *ETHOS* AS A CONSTITUTIVE INSTANCE OF THE ‘AUTHOR’S IMAGE’ CONSTRUCTION

FERNANDA MUSSALIM (UFU/CNPQ)¹
BRENO R. M. P. R. REZENDE (UFU/CAPES)²

RESUMO: Neste artigo, pretendemos verificar em que medida o *ethos* discursivo (MAINGUENEAU, 2005, 2008a) afeta a construção da ‘imagem de autor’ (MAINGUENEAU, 2010a, 2010b). Mais especificamente, pretendemos verificar, a partir da análise de trechos de duas matérias publicadas na mídia online brasileira a respeito da homenagem que a FLIP 2015 faz a Mário de Andrade, em que medida o *ethos* do enunciador (no caso, jornalistas) afeta a ‘imagem de autor’ que é construída de Mário de Andrade nesses/por meio desses dois textos. A metodologia empregada para análise dos textos alinha-se à proposta de Pêcheux ([1983]1990), segundo a qual a abordagem do *corpus* deverá se dar por meio de um batimento, de uma alternância entre momentos de descrição e de interpretação.
Palavras-chave: *ethos* discursivo; imagem de autor; Mário de Andrade.

ABSTRACT: In this paper, we intend to verify the extent to which the discursive *ethos* (MAINGUENEAU, 2005, 2008a.) affects the construction of the ‘author’s image’ (MAINGUENEAU, 2010a, 2010b). More specifically, based on the analysis of excerpts taken from two featured articles published in the Brazilian online media regarding the tribute that FLIP 2015 makes to Mário de Andrade, we intend to verify to which extent the *ethos* of the enunciator (in this case, journalists) affects the ‘author’s image’ that is constructed about Mário de Andrade in these and through these two texts. The methodology used for the analysis of the texts is aligned to Pêcheux’s theoretical postulate ([1983]1990), according to which the *corpus* approach must occur through a pulse, an alternation between moments of description and moments of interpretation.
Keywords: discursive *ethos*; author’s image; Mário de Andrade.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, pretendemos verificar em que medida o *ethos* discursivo (MAINGUENEAU, 2005, 2008a) afeta a construção da ‘imagem de autor’ (MAINGUENEAU, 2010a, 2010b). Mais especificamente, pretendemos verificar, a partir da análise de trechos de duas matérias publicadas na mídia online brasileira a respeito da homenagem que a FLIP 2015 faz a Mário de Andrade, em que medida o *ethos* do enunciador (no caso, jornalistas) afeta a ‘imagem de autor’ que

¹ Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil. fmussalim@gmail.com

² Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil. brno.r.rezende@hotmail.com

é construída de Mário de Andrade nesses/por meio desses dois textos. O intuito não é discutir ou problematizar esses dois conceitos, mas associá-los (já que, na obra de Dominique Maingueneau, são mobilizados de forma independente), a fim de demonstrar a produtividade da consideração do *ethos* do enunciador para a análise da construção da ‘imagem de autor’.

Iniciaremos apresentando o conceito de ‘imagem de autor’. Posteriormente, realizaremos uma análise dos dois trechos selecionados como *corpus*, buscando verificar como se dá a construção da ‘imagem de autor’ de Mário de Andrade. Em seguida, apresentaremos a noção de *ethos* discursivo, tal como postulada por Dominique Maingueneau, para, então, analisar quais os *ethé* que se podem depreender desses dois textos, no intuito de, por fim, estabelecer relações entre o *ethos* do enunciador e a construção da ‘imagem de autor’.

1. IMAGEM DE AUTOR: CONCEITO E ANÁLISE

Dominique Maingueneau (2010a) distingue três acepções distintas, mas estreitamente ligadas, do termo “autor”.

A primeira acepção está relacionada ao “autor-responsável” (ou “autor-fiador” ou “autor-garante”), instância que responde por um texto, mas que não se confunde com o enunciador, correlato de um texto, nem com seu produtor (de carne e osso), dotado de uma instância civil, uma vez que se trata de uma instância híbrida que coloca em xeque essa distinção. A instância do “autor-responsável” não tem nada de especificamente literário, visto que “ser autor de um texto” é válido para qualquer gênero de discurso. Não obstante, em teoria literária, “a questão do ‘garante’ tem sido objeto de vários trabalhos, em particular acerca do paratexto (título, prefácio, nome do autor...), mas igualmente de debates no referente à articulação entre ‘narrador’ e ‘autor implicado’” (MAINGUENEAU, 2010b, p. 141-142).

A segunda acepção refere-se ao “autor-ator” que organiza sua existência em torno da atividade de produção de textos, de modo a gerir uma trajetória, uma carreira no campo literário: o “autor-ator” entra em redes, tem relações com editores, etc. O estatuto dessa instância varia consideravelmente em função dos lugares, das épocas e dos posicionamentos e, por isso, a própria palavra “autor” pode entrar, a depender das conjunturas históricas, em concorrência com termos como “homem das letras”, “literato”, “intelectual”, “artista”.

A terceira acepção é a do autor enquanto correlato de uma obra. Em relação a essa acepção, Maingueneau afirma ser mais adequado falar em “*auctor*”, uma vez que, se todo texto implica um responsável, um garante, um fiador, apenas um número muito restrito de indivíduos alcançam o estatuto de “*auctor*”, cuja função consiste não em responder por um texto singular ou por uma sequência contingente de textos dispersos, mas “por um agrupamento de textos referidos a uma entidade que é identificável, que até pertence ao Thesaurus literário, quando alcança notoriedade” (MAINGUENEAU, 2010b, p. 142). Uma das singularidades do campo literário (se comparado, por exemplo, à produção jornalística) é que

todos que nele publicam são, potencialmente, “*auctor*”. Entretanto, para que um autor alcance plenamente esse estatuto, é necessário que “terceiros o instituem como tal, mediante a produção de enunciados sobre ele e sua obra, em suma conferindo-lhe uma ‘imagem de autor’” (MAINGUENEAU, 2010b, p. 142).

Dessa perspectiva, a ‘imagem de autor’ não é somente o produto de seus textos e de uma atividade do autor, que põe a funcionar, especialmente no espaço associado de suas produções, isto é, no espaço de produção de textos de autor que acompanham suas obras (como as dedicatórias, os prefácios, os comentários, os manifestos, os debates, as cartas, os escritos sobre outras artes, as entrevistas etc.), as dimensões de *regulação* – “por meio da qual o criador negocia a inserção de seu texto num certo estado do campo e no circuito de comunicação” (MAINGUENEAU: 2006a, p. 143) – e de *figuração* – em que o criador busca gerir uma imagem de si no mundo. Diferentemente, a ‘imagem de autor’

é elaborada na confluência de seus gestos e de suas palavras, de um lado, e das palavras dos diversos públicos que, a títulos diferentes e em função de seus interesses, contribuem para moldá-la. (MAINGUENEAU, 2010b, p. 144).

No caso do discurso literário, que se funda ligado a uma longa gestão da memória, a ‘imagem de autor’ não cessa quando morrem os escritores, especialmente quando se trata de autores valorizados, cujas obras são incessantemente comentadas. Entretanto, pode ocorrer (e isso não é raro) que alguns escritores só alcancem a “plenitude de *auctor*” após a morte: Rimbaud, por exemplo, só se transformou no “mito Rimbaud” depois de morto. Fatos como esse colocam em evidência a importância das decisões dos interventores posteriores, que

contribuem para constituir uma obra, quando não a fabricam com todas as peças. Para fazê-lo, devem basear-se numa determinada imagem de autor, e, mediante sua atividade editorial, vão modificá-la. A partir do momento que uma decisão editorial institui um *auctor*, é elaborada uma imagem de autor. (MAINGUENEAU, 2010b, p. 144).

No processo de construção de ‘imagem de autor’, há três polos envolvidos: o de produção, o do texto e o da recepção.

O *polo da produção* implica a consideração das dimensões de *regulação* e *figuração*, já referidas anteriormente, uma vez que o criador busca, incessantemente, ajustar sua trajetória em função da imagem que não cessa de construir de si e do conjunto de suas atividades escriturais e não escriturais.

O *polo do texto*, por sua vez, está relacionado ao trabalho editorial e aos modos por meio dos quais uma obra é posta a circular. As decisões em torno dessas questões são condicionadas pela imagem que se tem do autor (polo de produção), mas também condicionam a construção de uma ‘imagem de autor’.

O *polo da recepção* participa desse processo de construção de ‘imagem de autor’, na medida em que a própria a decisão de entrar num processo de interação com um texto depende da imagem que se tem de seu autor, o que condiciona, inclusive, as estratégias de interpretação desse texto.

É indubitável, pois, que a noção de ‘imagem de autor’ é de manejo delicado, visto que, além da necessidade de considerar a interação entre esses três polos, é imprescindível também lidar com a abundância e a complexidade, não apenas dos materiais e dos processos, mas também das condições históricas que gerem a construção dessa imagem. Uma empreitada como essa exige uma metodologia de análise que seja capaz de articular categorias invariantes (como os conceitos mobilizados) em meio à diversidade de situações, de formas de interação, de posicionamentos.

Tendo apresentado o conceito de ‘imagem de autor’, tal como postulado por Maingueneau (2010a, 2010b), passaremos, ainda nesta seção, a uma breve contextualização das condições de produção das matérias que serão, em seguida, analisadas.

No cenário que antecedeu tanto a FLIP 2015 (em que Mário de Andrade é homenageado), quanto a entrada da obra do autor para domínio público (a partir de 2016), várias ações editoriais e institucionais de gestão de sua obra e de sua ‘imagem de autor’ têm lugar no contexto brasileiro: um ensaio biográfico sobre o autor é publicado; um romance inacabado do autor é lançado; cartas, contos, crônicas são compilados; livros são relançados em edições de luxo e também em formato e-book; seu romance *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter* é adaptado para uma *graphic novel*; a mídia em geral noticia e comenta os lançamentos, as obras em si, a figura eclética de Mário de Andrade, a entrada de sua obra em domínio público e a homenagem feita a ele na FLIP 2015.

Para os propósitos deste artigo, dentre essas ações editoriais/institucionais, iremos nos debruçar, conforme já previsto, apenas sobre matérias publicadas na mídia online brasileira – mais especificamente sobre duas matérias³ – a fim de verificar, num primeiro momento, de que maneira, nesses textos, seus enunciadores gerem uma ‘imagem de autor’ de Mário de Andrade. Optamos por analisar a construção dessa ‘imagem de autor’ com base no reconhecimento da presença de traços semânticos que a constituem. Posteriormente, na seção a seguir, analisaremos os mesmos trechos, com o intuito, entretanto, de analisar o *ethos* de seus respectivos enunciadores e demonstrar que ele pode ser considerado uma instância constitutiva da construção da ‘imagem de autor’.

Consideremos o primeiro trecho a ser analisado, recortado de uma matéria publicada no site da *Véja*, em 16 de janeiro de 2015:

Motivos não faltam para a escolha do homenageado da Festa Literária Internacional de Paraty 2015, que acontecerá entre 1º e 5 de julho. Autor dos clássicos *Paulicéia Desvairada*, *Amar, Verbo Intransitivo* e *Macunaíma*, e um dos grandes nomes do Movimento Modernista brasileiro, Mário de Andrade ultrapassa as fronteiras da literatura e se entrelaça a questões fundamentais

³ Remetemos o leitor a Mussalim (2018) para uma análise ampliada e mais detalhada de matérias publicadas na mídia online brasileira sobre a homenagem da FLIP 2015 a Mário de Andrade e suas relações com a construção de ‘imagem de autor’ de Andrade, neste contexto histórico específico. Desse *corpus*, selecionamos, para este artigo, duas matérias a serem analisadas, em função da representatividade de ambas para a abordagem do fenômeno aqui considerado: a relação entre *ethos* e ‘imagem de autor’, ou melhor, a produtividade da consideração do *ethos* do enunciador para a análise da construção da ‘imagem de autor’.

para o país. A vida e obra do autor, morto em 1945, iluminam ainda hoje temas cruciais, como o debate sobre cultura popular e indústria cultural, patrimônio material e imaterial, fala brasileira e língua escrita, cultura indígena e identidade e gênero, que devem servir de pauta para mesas da Flip. (Por Maria Carolina Maia. <https://goo.gl/DeYp1G>. Acesso em 01 set. 2017.)

Nesse trecho, associam-se à ‘imagem de autor’ de Mário de Andrade sete traços: confere-se a Mário de Andrade o estatuto de /+ *autor*/, uma vez que ele é apresentado como correlato de uma obra (autor dos clássicos *Pauliceia Desvairada*; *Amar, verbo intransitivo*; *Macunaima*), associando, ainda, a essa imagem, os traços /+ intelectual/; /+ pesquisador/; /+ pensador/; /+ eclético/; /+ contemporâneo/; /+ vanguardista/, na medida em que Mário “ultrapassa as fronteiras da literatura e se entrelaça a questões fundamentais para o país” e que sua vida e obra “iluminam ainda hoje temas cruciais, como o debate sobre a cultura popular e indústria cultural, patrimônio material e imaterial, fala brasileira e língua escrita, cultura indígena e identidade de gênero”. Em outras palavras, Mário é um *autor* cuja vida-obra, além de eclética (por ultrapassar as fronteiras da literatura e esbarrar em questões que podem ser relacionadas a temáticas muito diversas), é contemporânea e de vanguarda para sua época, uma vez o pensamento do autor (que pesquisou e refletiu sobre diversas problemáticas) ilumina temas cruciais da atualidade, o que acaba, em última instância, por conferir a Mário o estatuto de intelectual, de pensador.

O segundo trecho a ser analisado é parte de uma matéria intitulada “A revolução de Mário de Andrade”, assinada por Camila Moraes e publicada no jornal *El País - Brasil*, em 05 de maio de 2015. Nessa matéria, diferentemente do que ocorre na anteriormente analisada, privilegiam-se aspectos relacionados à instância “de pessoa” do autor, na construção de uma ‘imagem de autor’:

Sua recém-nascida biografia começa com uma citação de Alceu Amoroso Lima, tirada do livro *Companheiros de viagem*: “Mário de Andrade tinha ‘o tipo físico de um índio espadaúdo. Uma boca enorme, cheia de dentes, que os caricaturistas aproveitavam com razão como foco central de sua fisionomia. Um nariz enorme como patas de urso. Uns ombros muito largos, uns olhos muito espessos, um riso muito aberto, uma fala muito caipira, mas nada descansada, tudo nele respirava irradiação, dinamismo, exuberância, alegria de viver. Estava trabalhado fisicamente para agitador”. E agitador ele era de fato, preocupado que foi com a arte coletiva, a identidade cultural brasileira e a cultura popular do país.

[...]

Mário nasceu e viveu em São Paulo, na Barra Funda, e amou sua cidade profundamente. Nela, entre as paredes do tradicional Theatro Municipal, **apresentou ideias que fizeram rachar as estruturas mais sólidas do conservadorismo paulistano e brasileiro**. (Por Camila Moraes. <https://goo.gl/LeZBFB>. Acesso em 01 de set. 2017. Grifos acrescidos.)

A jornalista Camila Moraes, mobilizando uma descrição que Alceu Amoroso Lima faz de Mário, dá visibilidade a certa compleição física do autor que é associada, por Amoroso Lima, a uma compleição psicológica específica (“Estava trabalhado fisicamente para agitador”), que é reforçada pela jornalista em seu texto: “E agitador ele era de fato”. Esse tipo de relação que se estabelece entre as compleições física e psicológica vai gerindo a construção de uma lenda (de alguém vocacionado a agitador) que atua, ao lado das obras, na legitimação do estatuto de

actor atribuído a Mario de Andrade, afinal, como esclarece Maingueneau (2006), o arquivo literário é composto por um conjunto de intertextos e de lendas. Ainda nessa mesma matéria é possível perceber que o traço /+ agitador/ é associado ao traço /+revolucionário/, uma vez que, ao se referir à *Semana de Arte Moderna* de 1922, a jornalista afirma que Mário, “entre as paredes do tradicional Theatro Municipal, apresentou ideias que fizeram rachar as estruturas mais sólidas do conservadorismo paulistano e brasileiro” (grifos acrescentados).

Os dois trechos analisados dão a conhecer um conjunto de traços semânticos (/+ *actor*/; /+ intelectual;/ /+ pesquisador;/ /+ pensador;/ /+ eclético;/ /+ contemporâneo;/ /+ vanguardista;/ /+ agitador;/ /+ revolucionário/) que, conjuntamente, vão construindo uma ‘imagem de autor’ de Mário de Andrade. Esses traços não representam a totalidade de traços associados pela mídia online brasileira da época (que noticiava e comentava sobre Mário de Andrade e sua obra) à ‘imagem de autor’ de Mário, mas são bastante representativos do conjunto (Cf. MUSSALIM 2018).

Na seção a seguir, buscaremos relacionar os *ethé*, que relevam dos dois trechos analisados, à construção da ‘imagem de autor’ de Mário de Andrade. Vale ressaltar, entretanto, que não relacionaremos o *ethos* a todos os traços da ‘imagem de autor’ aqui elencados. Isto porque a tese de que o *ethos* pode ser considerado uma instância construtora da ‘imagem de autor’ não autoriza a generalização de que todos os traços constitutivos da ‘imagem de autor’ decorrem do *ethos* discursivo.

2. ETHOS DISCURSIVO E CONSTRUÇÃO DA ‘IMAGEM DE AUTOR’: CONCEITUAÇÃO E ANÁLISE

Iniciaremos a seção apresentando o conceito de *ethos* discursivo, tal como postulado por Dominique Maingueneau⁴. Em seguida, analisaremos cada um dos trechos das matérias, já considerados anteriormente, buscando, primeiramente, depreender o *ethos* discursivo do enunciador (jornalista), para, então, verificar em que medida tal *ethos* afeta a construção da ‘imagem de autor’ de Mário de Andrade.

Maingueneau afirma que todo discurso está relacionado a uma “voz” ou “tom”, decorrente de seu modo de enunciação. Esta era uma dimensão bem conhecida da retórica antiga, que entendia por *ethé* as propriedades que os oradores se conferiam implicitamente, não pelo o que diziam de si mesmos, mas pela aparência que lhes conferia o próprio modo de enunciarem seus discursos: o ritmo a entonação, a escolha das palavras e dos argumentos revelavam determinadas características desses oradores.

Maingueneau recorre à noção de *ethos* da retórica antiga, mas não a compreende como sendo característica apenas da dimensão oral do discurso; o texto escrito também possui um *ethos*, uma vocalidade (ou tom), que nos

⁴ Para apresentarmos essa noção de *ethos* discursivo, baseamo-nos em Maingueneau (1989, 1995, 1996, 2002, 2005, 2008a).

permite remetê-la a uma fonte enunciativa que dá autoridade ao que é dito, isto é, a uma “instância subjetiva que desempenha o papel de **fiador** do que é dito” (MAINGUENEAU, 2002, p. 98). Essa instância subjetiva que atesta o que é dito não está relacionada a um autor efetivo; trata-se de uma representação que o leitor faz do enunciador a partir de índices textuais de diversas ordens – léxico, estrutura sintática, etc.

O *ethos*, de acordo com Maingueneau, compreende ainda, além da vocalidade (ou tom), mais duas dimensões: o caráter e a corporalidade. O caráter corresponde ao conjunto de traços “psicológicos” que o leitor-ouvinte atribui à figura do enunciador, em função do seu modo de dizer. A corporalidade, por sua vez, corresponde a uma representação da compleição do corpo do fiador, inseparável de uma maneira de se vestir e se movimentar no espaço social. Nesse sentido,

o *ethos* implica assim um controle tácito do corpo, apreendido por meio de um comportamento global. Caráter e corporalidade do fiador apoiam-se, então, sobre um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, de estereótipos sobre os quais a enunciação se apoia e, por sua vez, contribui para reforçar ou transformar (MAINGUENEAU, 2005, p. 72).

Com base nesse conceito, consideremos o trecho, já apresentado, da matéria publicada pela *Veja* em 2015:

Motivos não faltam para a escolha do homenageado da Festa Literária Internacional de Paraty 2015, que acontecerá entre 1º e 5 de julho. **Autor dos clássicos** *Paulicéia Desvairada*, *Amar*, *Verbo Intransitivo* e *Macunaíma*, e **um dos grandes nomes do Movimento Modernista brasileiro**, Mário de Andrade **ultrapassa as fronteiras da literatura e se entrelaça a questões fundamentais para o país. A vida e obra do autor, morto em 1945, iluminam ainda hoje temas cruciais**, como o debate sobre cultura popular e indústria cultural, patrimônio material e imaterial, fala brasileira e língua escrita, cultura indígena e identidade e gênero, que devem servir de pauta para mesas da Flip. (Por Maria Carolina Maia. Grifos acrescentados. <https://goo.gl/DeYp1G>. Acesso em 01 set. 2017.)

Nesse trecho, o enunciador-jornalista, ao afirmar que “Motivos não faltam para a escolha do homenageado da Festa Literária Internacional de Paraty 2015”, reveste sua enunciação de um tom de “certeza”. Esse tom de “certeza” é corroborado pela listagem de “motivos” – que são, eles mesmos, outras avaliações a respeito de Mário de Andrade e sua obra –, colocados em cena pelo enunciador como se fossem avaliações realizadas por ele mesmo.

Entretanto, sabe-se que Mário de Andrade possui uma imensa fortuna crítica que conferiu a ele o estatuto de grande mestre do Modernismo Brasileiro e, portanto, de integrante do cânone da literatura nacional. Mesmo assim, a existência de tal fortuna crítica é apagada no texto (não se dá voz a essa memória), como se o enunciador reivindicasse para si o poder de estabelecer que Mário de Andrade é autor de clássicos e um dos grandes nomes do Movimento Modernista brasileiro; que ele ultrapassa as fronteiras da literatura e se entrelaça a questões fundamentais para o país; que sua vida e obra iluminam temas cruciais da atualidade. O efeito desse apagamento é a constituição de um *ethos* discursivo de autoridade, que instaura, na representação dos leitores, a figura de um enunciador que pode validar a escolha de Mário de Andrade como homenageado da FLIP 2015 – e para, além

disso, avaliar quais são as “questões fundamentais para o país” e quais são os “temas cruciais” que deverão servir de pauta para as mesas da FLIP.

Esse *ethos* de autoridade, que confere ao enunciador, conforme analisamos, o poder de estabelecer que Mário de Andrade é autor de clássicos e um dos grandes nomes do Movimento Modernista brasileiro, tem efeitos sobre a construção da ‘imagem de autor’ de Mário de Andrade, uma vez que reforça o traço /+*autor*/ (atribuído a apenas um número muito restrito de indivíduos, que passam a responder por um contingente de textos, definidos como uma obra), constitutivo de sua ‘imagem de autor’, conforme buscamos demonstrar na seção anterior. É nesse sentido que o *ethos*, como esclarece o próprio Maingueneau (2008b), é um dos elementos da semântica de um discurso, na medida em que “o que se diz” (“Mário é um *autor*”) e “o como se diz” (um tom de “certeza” cujo efeito é um *ethos* de autoridade que atribui a Mário o estatuto de um *autor*) são regidos pelo mesmo sistema que condiciona as possibilidades do dizer.

O modo pelo qual o *ethos* discursivo afeta a construção da ‘imagem de autor’ decorre também dos diferentes efeitos que essa categoria produz em relação ao discurso. Na matéria do *El país - Brasil*, por exemplo, o tom de “certeza” da jornalista produz um *ethos* diferente daquele que emerge da matéria da *Veja*, mas que, do mesmo modo, contribui para reforçar certo traço da ‘imagem de autor’ de Mário de Andrade. Consideremos novamente o trecho da matéria do *El país - Brasil*, já apresentado anteriormente:

Sua recém-nascida biografia começa com uma citação de Alceu Amoroso Lima, tirada do livro *Companheiros de viagem*: “Mário de Andrade tinha ‘o tipo físico de um índio espadaúdo. Uma boca enorme, cheia de dentes, que os caricaturistas aproveitavam com razão como foco central de sua fisionomia. Umas mãos enormes como patas de urso. Uns ombros muito largos, uns óculos muito espessos, um riso muito aberto, uma fala muito caipira, mas nada descansada, tudo nele respirava irradiação, dinamismo, exuberância, alegria de viver. Estava trabalhado fisicamente para agitador”. **E agitador ele era de fato, preocupado que foi com a arte coletiva, a identidade cultural brasileira e a cultura popular do país.**

[...]

Mário nasceu e viveu em São Paulo, na Barra Funda, e **amou sua cidade profundamente**. Nela, entre as paredes do tradicional Theatro Municipal, **apresentou ideias que fizeram rachar as estruturas mais sólidas do conservadorismo paulistano e brasileiro**. (Por Camila Moraes. <https://goo.gl/LeZBFB>. Acesso em 01 de set. 2017. Grifos acrescidos.)

Nesse trecho, o enunciador-jornalista coloca em cena uma descrição que Alceu Amoroso Lima faz de Mário de Andrade, apresentando-o como um agitador, descrição corroborada pela jornalista, ao reafirmar, num tom de “certeza” que “agitador ele era de fato”. O marcador “de fato”, neste contexto, não apenas corrobora as palavras de Lima, que fornecem, em alguma medida, um elogio ao modernista, como também enfatiza a opinião da jornalista em relação a essa característica atribuída a Mário, a saber, a de que era um agitador. Em seguida, a jornalista justifica essa sua opinião, ao afirmar que ele era agitador por ter sido preocupado “com a arte coletiva, a identidade cultural brasileira e com a cultura popular do país”.

O tom de “certeza” decorre também de outros trechos da matéria. Em “Mário nasceu e viveu em São Paulo, na Barra Funda, e amou sua cidade profundamente”,

o enunciador-jornalista apresenta, ao lado de informações incontestáveis do ponto de vista histórico (como a cidade e o bairro em que Mário nasceu e viveu), uma asserção (“amou sua cidade profundamente”) cujo caráter de “certeza” só poderia advir de alguém próximo a Mário de Andrade (o que não é o caso). Entretanto, tal asserção, por estar associada, por meio de um conectivo de adição “e” a informações incontestáveis, acaba por assimilar esse mesmo estatuto.

Esse tom de “certeza”, entretanto, não confere ao enunciador desse texto um *ethos* de autoridade, como ocorre no caso do enunciador da matéria anterior. Em outras palavras, o tom de “certeza” de um texto não está necessariamente associado a um *ethos* de autoridade. No caso específico da matéria que ora analisamos, o tom de “certeza” incide, na maioria das vezes, sobre afirmações que atestam os traços /+agitador/ e /+revolucionário/, constitutivos da ‘imagem de autor’ de Mário de Andrade, como ocorre, respectivamente, nos enunciados: i) “E agitador ele era de fato”; ii) “(...) apresentou ideias que fizeram rachar as estruturas do conservadorismo paulistano e brasileiro”. Nesse último trecho, o uso do pretérito perfeito do modo indicativo imprime precisão de feito acabado (que pode ser associado a um tom de certeza) à ação revolucionária realizada por Mário (de “rachar as estruturas mais sólidas do conservadorismo”).

O efeito da associação desse tom de “certeza” aos traços de agitador e revolucionário atribuídos a Mário de Andrade e a seus feitos é a constituição de um posicionamento de aprovação da jornalista em relação a Mário e a sua história, de onde emerge um *ethos* entusiasmado de um enunciador que se põe a narrar a história daquele que constitui o objeto de sua admiração. Nesse sentido é que se verifica, mais uma vez, que o *ethos* do enunciador (no caso, um *ethos* entusiasmado) afeta a construção da ‘imagem de autor’ de Mário de Andrade, na medida em que reforça os traços /+agitador/ e /+revolucionário/, constitutivos dessa imagem, conforme demonstramos na seção anterior.

3. CONCLUSÃO

Neste artigo, buscamos demonstrar, a partir da análise de trechos de duas matérias publicadas na mídia online brasileira a respeito da homenagem que a FLIP 2015 faz a Mário de Andrade, em que medida o *ethos* do enunciador (no caso, jornalistas) afeta a ‘imagem de autor’ que é construída de Mário de Andrade nesses/por meio desses dois textos.

As análises corroboram nossa hipótese inicial e permitiram-nos concluir, em relação especificamente ao *corpus* considerado, que do tom de “certeza” podem decorrer dois *ethé* distintos, a saber, o *ethos* de autoridade e o *ethos* entusiasmado. Além disso, foi-nos possível também verificar, nos textos analisados, que o *ethos* de autoridade reforça o traço /+auctor/ constitutivo da ‘imagem de autor’ de Mário de Andrade, enquanto o *ethos* entusiasmado reforça os traços /+agitador/ e /+revolucionário/, também constitutivos dessa imagem.

Do ponto de vista teórico, gostaríamos de enfatizar a produtividade decorrente da atitude investigativa de se conjugarem, em uma abordagem, conceitos forjados

separadamente no interior de um quadro teórico – especialmente quando se trata de uma teoria discursiva de base enunciativa, uma vez que a complexidade de eventos enunciativos é imensa.

REFERÊNCIAS

- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- MAINGUENEAU, Dominique. Autor: a noção de autor em Análise do discurso. _____. *Doze conceitos em Análise do Discurso*. Organização Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva e Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2010a. p. 25-47.
- MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. Campinas, Martins Fontes, 1995.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. São Paulo: Contexto, 2006.
- MAINGUENEAU, Dominique. El ethos y la voz de lo escrito. *Version*. Estudios de Comunicación y Política. n. 6. México: Universidad Autónoma Metropolitana-Xochimilco, 1996. p. 79-86.
- MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (Org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 69-92.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola, 2008b.
- MAINGUENEAU, Dominique. Imagem de autor: não há autor sem imagem. _____. *Doze conceitos em Análise do Discurso*. Organização Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva e Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2010b. p. 139-156.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do discurso*. Campinas: Martins Fontes, 1989.
- MAINGUENEAU, Dominique. Problemas de *ethos*. _____. *Cenas da enunciação*. Tradução de Sírio Possenti e Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a. p. 55-73.
- MUSSALIM, Fernanda. Processos editoriais e institucionais de gestão da obra e da ‘imagem de autor’ de Mário de Andrade. In: FREITAS, E. C.; BURLAMAQUE; F. V., RETTENMAIER, M.. (Orgs.). *Leitura, Literatura e Linguagens: novas topografias textuais*. São Paulo: Cultura Acadêmica Digital, 2018. p. 46-64.
- PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura e acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990. (Data do original: 1983).

Recebido: 15/04/2019

Aceito: 27/06/2019

Publicado: 27/08/2019